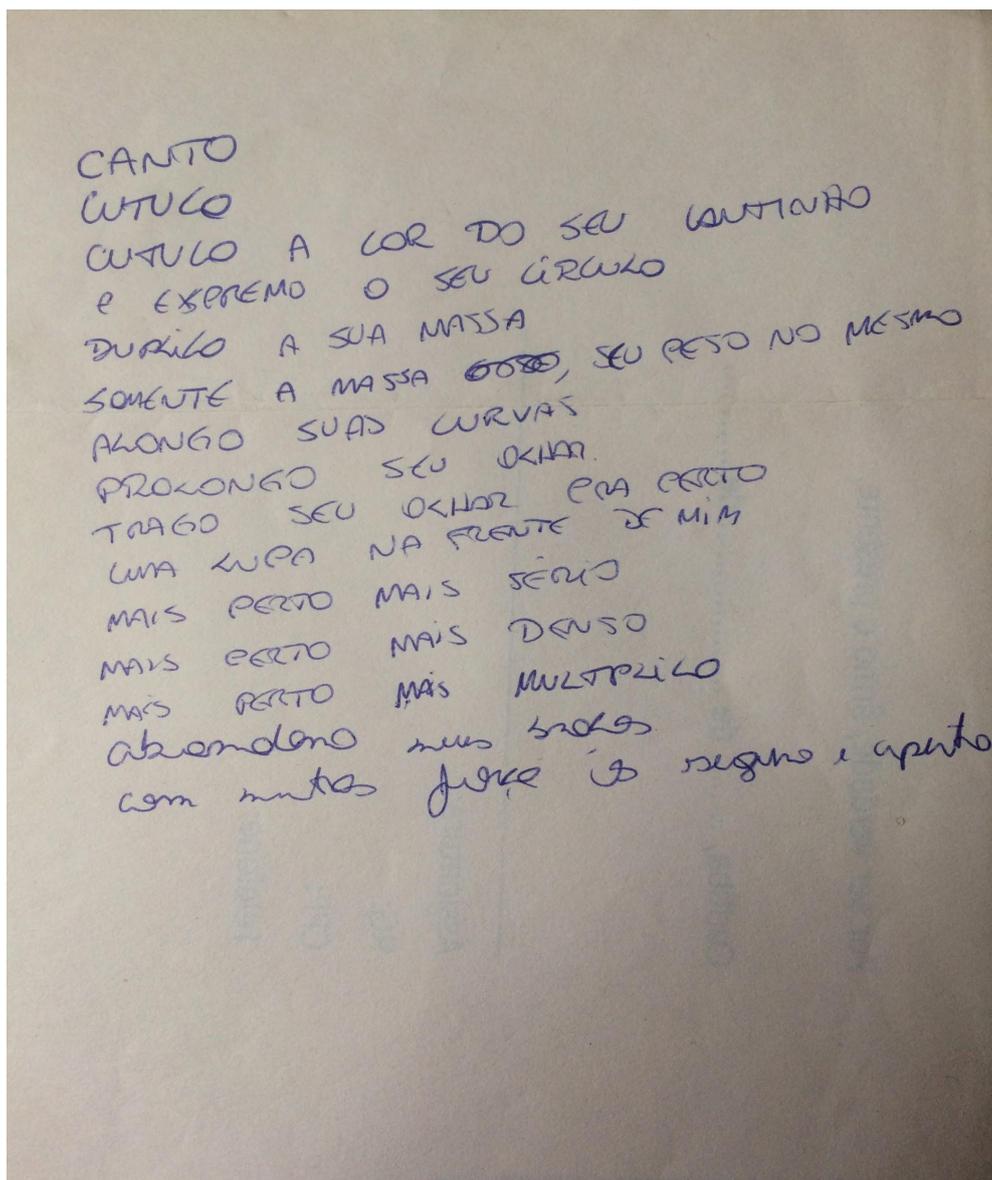


Escrevo esse texto com trilha sonora específica! O UM - núcleo de pesquisa e investigação em Dança da FAP-UNESPAR para mim, tem trilha sonora, lista de livros que inspiraram durante a trajetória em que estive. Tem álbum de fotos, com muitas fotos, tem teóricos que nortearam nossos encontros e que estão em mim ainda hoje, tem também pasta de emails (dos mais variados tons), tem relatos de viagens, tem despedidas e reencontros de diversos formatos e lugares, tem amigos e colegas de trabalho de lá até hoje, tem diários e diários de bordo, tem professora(s) que se tornam minhas mestras e também amigas e que continuam sendo minhas professoras e mestras e amigas (Loana Campos, 2018).

Figura 2 - Registro fotográfico do diário de bordo de Loana Campos– processo de criação no Um – núcleo de pesquisa artística em dança. Curitiba 2008



Fonte: (arquivo da autora)

*Escrevo no passado por uma escolha textual, entretanto, acredito que características levantadas no memorial descritivo, aqui apresentado, podem ser reconhecidas ainda hoje.

Me proponho neste relato/memorial revisitar os trajetos percorridos durante 5 anos em que estive no UM - Núcleo de Pesquisa Artística em Dança da FAP-UNESPAR. Reconhecer as linhas de força que estabeleceram ou que já existiam nessa estrutura, linhas que foram fundamentais na minha construção de visão de mundo, atuação profissional e modos de estabelecer e reconhecer afetos. Em um fluxo de escrita que se desenvolve a partir de imagens de locais, encontros, reuniões e sobretudo imagens de movimento, danças.

Compartilho aqui alguns pontos a fim de contribuir no registro e memória de um espaço que existe há 30 anos, que passou por diversos formatos, direções e composições, mas que segue continuamente em sua existência e potência.

Tenho por mim que o circuito de afetos e a mobilidade de suas fronteiras em seu constante atualizar, são as principais linhas que definem a permanência do grupo. Por isso persisto que esse memorial é construído, assim como o grupo/núcleo, por linhas afetivas e imagens de trânsitos diversos, encontrando nesse caminho aspectos importantes à serem compartilhados. Pontuando o quanto esses aspectos dialogam com o que se produz na área da dança, considerando ambientes de formação, pesquisa e também o(s) ambiente(s) dentro do mercado de trabalho nessa área.

MERGULHO

Mergulho em memórias nem um pouco distantes de mim hoje, apesar de completarem 8 anos 'longe' do UM - núcleo de pesquisa em dança da então Faculdade de Artes do Paraná (FAP), hoje, o *campus* de Curitiba II - Faculdade de Artes do Paraná (FAP) pertencente à Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

No desafio de encontrar um início para esse relato, parto do princípio de que não existe apenas um ponto de partida, mas sim atravessamento(s) que culminam em marcos em nossa trajetória. Proponho partindo de uma relato de minha experiência nesse espaço movente, levantar propriedades e lógicas que caracterizaram de diferentes formas o meu estar hoje no mundo e que acredito caracterizar a pertinência de um grupo como esse existir.

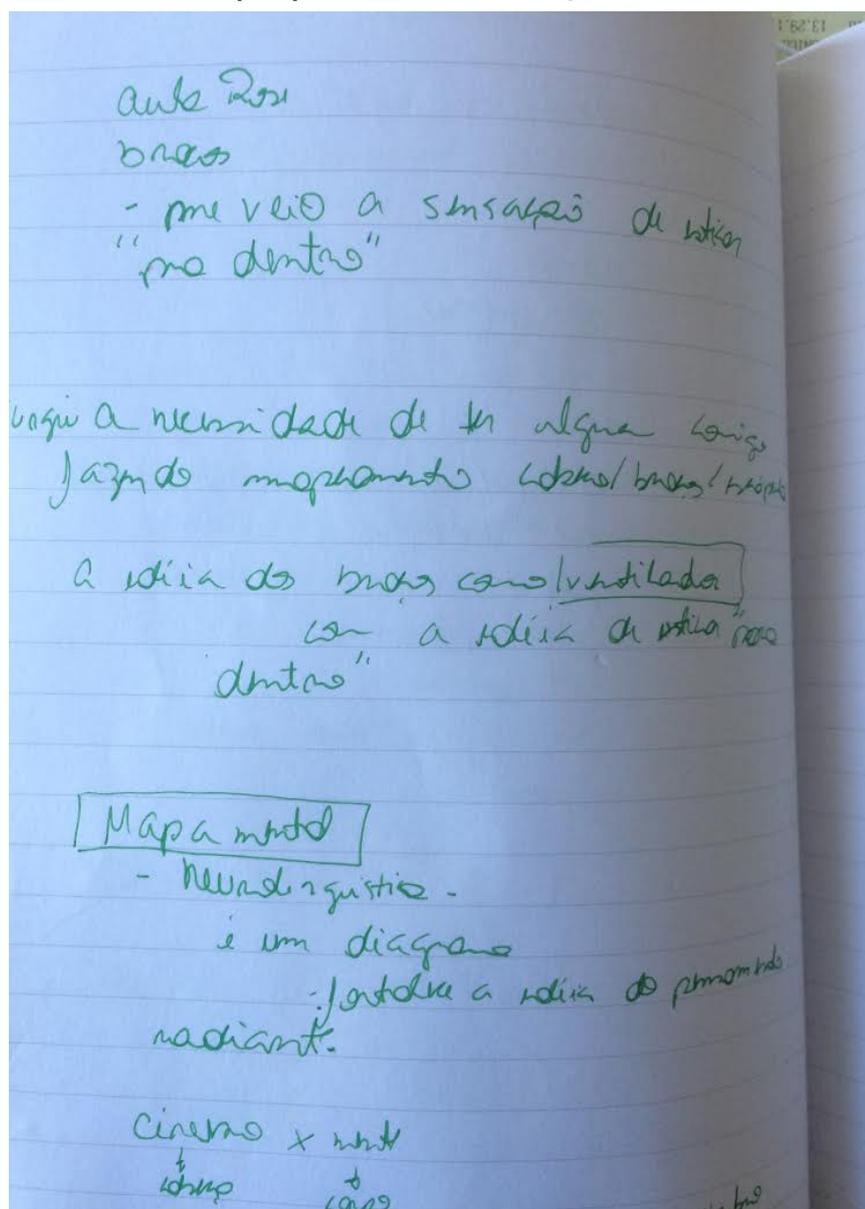
O grupo da FAP foi um lugar aconchegante, onde eu poderia seguir com os assuntos e discussões que me atravessavam.

A estrutura dos corpos que compunham o grupo era a mais diversa possível, seu formato propunha receber estudantes de dança, egressos, pesquisadores e interessados no corpo que move, experientes ou não. Um conjunto de corpos que encontrava na criação, alternativas para aprofundar suas questões. Compartilhar os diversos interesses que emergiam, nos levava a reconhecer modos individuais de operar e encontrar maneiras de estar com o outro, encontrando pontos em comum na e com as diferenças. Esse espaço me apresentou o sentido da palavra **autonomia**, pois dispor-se a estar nesse ambiente convoca a exercitar minha individualidade, coloca para operar num estado de presença, a assumir o que sou naquele momento: minhas falas; minhas posições; minha dança.

Faz-me exercitar 'o bancar da minha dança'. Mas essa autonomia não vinha sozinha, pois não a exercitava só. A relação de troca contínua que estabelecia, me apresentou a potência da co-construção, da construção e reconhecimento de minha individualidade enquanto corpo que dança, junto com os demais corpos, a imagem que tenho é de uma construção individual a partir do grupo e do grupo a partir das individualidades: **um espaço que se faz no exercício de compartilhar.**

Encontrei no grupo a possibilidade de aprofundar muitas das perguntas que me recheavam naquele momento. Era como estar com os pares, de algum modo os que ali estavam, problematizavam de maneiras diferentes, existia ali um espaço movido a perguntas. Foi a partir desse espaço que tive a oportunidade reconhecer diversas paisagens do dançar; perceber que a minha vida e a minha dança caminhavam juntos.

Figura 4 - Registro fotográfico do diário de bordo de Loana Campos – processo de criação no Um – núcleo de pesquisa artística em dança. Curitiba/ 2007



Fonte: (arquivo da autora)

SOBRE UM NOME

Estava no apartamento da Rosemeri Rocha (Rose) e conversávamos sobre os trânsitos que o grupo percorria, os lugares que estávamos apresentando e compartilhando a pesquisa. Emerge então o desejo em dar UM nome para o então Grupo de Dança da FAP. Reconhecemos uma necessidade de apresentar uma identidade.

Foi com essa frase ‘dar UM nome para o grupo’ que o nome surgiu! Já fazia parte do nosso vocabulário o Um/Uno, naquela época já existia uma pesquisa ali, que envolvia esse nome. Assim, surgiram várias lógicas conceituais que desembocaram na definição. UM de individualidade(s) que nos construíam, UM de ser UM conjunto, UM encontro de diferentes, uns que formava UM, UM entre tantos grupos/coletivos/movimentos que existem, não UM de qualquer UM, mas sim de mais UM que partilham do interesse em pesquisar, produzir conhecimento, partilhar e contribuir desse conhecimento para a área da Dança.

Acredito que esse momento é um marco na trajetória do grupo. Dar UM nome acabou por desdobrar várias reflexões de reconhecimento do que era produzido, conversamos muito sobre identidade, sobre o porquê da existência desse espaço na Universidade, sobre os caminhos que desenhamos juntos. Acredito que tem a ver com posicionamento. É sobre mais uma possibilidade de ação, de estar no mundo, para além do institucional e da estrutura universitária.

SOBRE DIREÇÃO E COMPARTILHAMENTO

A problematização do que se faz neste encontro de pessoas era um constante gerador de conversas e criações. A existência de uma direção, na presença da Professora/diretora Rosemeri Rocha, ao meu ver, tinha a função de uma base (provocadora) para essa reflexão acontecer. Pois o fato de existir uma direção, ao contrário de se dar de forma hierárquica, se direcionava com ações problematizadoras, lançava à todos diariamente o exercício de resoluções conjuntas.

O olhar afinado da diretora nos provocava a estar, a propor, algo que pode ser determinante e necessário **na formação de um corpo que dança na contemporaneidade**. Desenvolver o estado de presença e com autonomia, nos colocar a agir, atravessar a barreira de ‘bailarina’ para ‘intérprete-criadora’, descortinando a visão de que **o corpo que dança está no mundo**.

Vejo a direção de Rosemeri Rocha, nesse lugar: um gerador que tanto compartilha sua energia, seu saber, quanto catalisa as que estão junto a ele, compartilha sua redistribuição, em movimento contínuo e horizontal.

SOBRE SER PRODUTORA

Antes de finalizar a graduação, minha principal atividade profissional foi e ainda é a de produtora cultural. Durante o curso reflexões como: corpo-ser social, a complexidade de estruturas institucionais e o interesse em entender em detalhes o que é necessário para um espetáculo ou evento ser realizado, direcionou minhas práticas para desdobramentos do fazer artístico.

Depois de um período participando como intérprete-criadora, aos poucos me envolvi com a rotina organizacional. Em determinado momento, dispus-me a assumir a função também de produtora cultural do grupo, encontrei a oportunidade de colocar em prática os interesses que despertavam no momento.

A Mostra de Dança da FAP, evento do curso da universidade era também dirigido pela professora Rosemeri Rocha. O evento tinha uma ligação bastante forte com o grupo, acabei por atuar também como produtora na Mostra. Estive envolvida nessas produções durante praticamente todo meu percurso como graduanda. Iniciei como assistente e depois passei a ser produtora, foi como um estágio onde ao longo do tempo me envolvia com mais atividades e mais frentes de ações.

A contribuição dessa abertura de linhas de atuação para a trajetória de uma estudante é imensurável, pois ao poder adentrar e aproximar o diálogo entre o que se está aprendendo e a estrutura institucional onde os aprendizados se dão, intensificam a ligação do dentro e fora no caminhar de uma aspirante a profissionalização. Digo: entender na prática os caminhos institucionais para um evento acontecer, os tempos, os prazos, as possibilidades de articulações com outras instituições, os contatos durante o evento com professores e artistas de outros lugares, a dinâmica necessária para que ocorra tudo como o esperado, os riscos possíveis, ou seja, estreitar o olhar sobre a realidade da rotina de uma instituição pública e as possibilidades de articulações internas e externas.

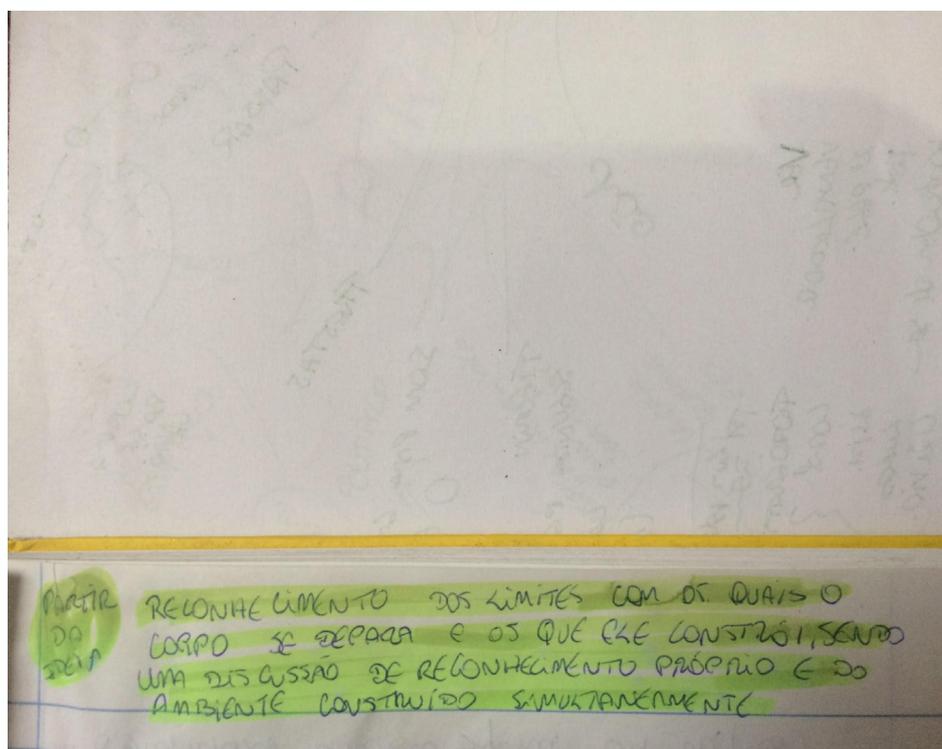
SOBRE SER PROFESSORA

Hoje, é na prática como docente onde a reverberação do grupo está mais latente! Durante 3 anos fui professora no Curso Técnico para ator da Cena Hum Academia de Artes Cênicas, onde ministrei duas disciplinas: Produção e Legislação Cultural e Expressão

Corporal I. Reconheço diretrizes que desenvolvi junto ao grupo, como minha lógica organizacional e propositiva, ao compartilhar com os alunos e professores. Ao planejar aulas, ao propor práticas, muito do que experienciei durante a graduação e formulei continuamente junto à direção da Rosemeri Rocha e demais pessoas com quem troquei. Das técnicas somáticas, principais referências trabalhadas no grupo, as teorias que tive acesso, como também no modo em que me proponho a estar no espaço.

Autonomia e co-responsabilidade são as primeiras palavras que lanço aos alunos a cada início de semestre. O sentido delas se atualiza a cada passo e espaço em que me coloco.

Figura 6 - Registro fotográfico do diário de bordo de Loana Campos – processo de criação no Um – núcleo de pesquisa artística em dança. Curitiba/2010



Fonte: (arquivo da autora)

SOBRE MOBILIDADES E ARTICULAÇÕES

A Contínua troca com artistas convidados desenhava a mobilidade do grupo. Fazia parte da nossa rotina ter aulas com pessoas que já haviam participado do grupo, alguns já não moravam na cidade, quando passavam por Curitiba compartilhavam suas

pesquisas conosco. Houve um período que a professora Rosemeri Rocha esteve fora, devido ao fato de estar cursando o Mestrado na Universidade Federal da Bahia, e convidou as professoras Marila Velloso e Gladis dos Santos para acompanhar nossas atividades e propor práticas artísticas.

Com esse ciclo de proposições, pude alargar minha disponibilidade e escuta. Tenho o ímpeto de sugerir convites em minhas práticas: na produção, criação, em minhas aulas. Meu interesse de estar em constante compartilhar foi impulsionado mediante esses trânsitos. Vejo que tem relação com o refinamento da capacidade de identificação de especificidades, alimentando assim o vocabulário para as práticas de dança. **Afinar o olhar para com os diálogos e dar luz a práticas que os compõem é algo que fica dessas experiências.**

A perspectiva do trânsito de pessoas nos impulsionava para lidar com o fora, para além da Universidade. A medida que pessoas passavam pelo Grupo o Grupo também se propunha a passar e a estabelecer contato com outras pessoas, iniciativas, coletivos, instituições. À medida em que visualizamos espaços para compartilhar nossos processos, conversávamos e decidíamos juntos aonde apresentar.

Participamos do Festival de Cultura da UFPR, apresentamos no Teatro de Antonina, no Teatro da Dança em São Paulo, entre outros. O que nos impulsionava para o fora era a necessidade de configurar nossas pesquisas, e colocá-las em diálogo. As propostas de apresentar vinham de todos nós, à medida que estabelecíamos relações no fora, reverberava dentro do grupo, tornando-o um lugar pulsante. **Aqui me vem a imagem novamente da individualidade, potencializar a individualidade de cada um dentro e fora do grupo foi uma constante.**

OUTROS ESPAÇOS PARA AS AULAS

Na época o Barracão e o TELAB (Teatro Laboratório da FAP) lugares onde hoje o grupo realiza suas práticas, ainda não existiam; o barracão da FAP ainda não tinha sido levantado e para dar conta das aulas práticas e demais atividades a Universidade alugava um espaço, localizado a duas quadras, a Honjo!

Passamos a maior parte do tempo entre 2005 e 2010 nesse espaço. Entretanto, em alguns momentos por necessidade ou por desejo, o grupo ocupou outros lugares. Foram por períodos determinados, e que nessa paisagem de mobilidade somaram para as articulações. Dois desses lugares são: A Sede de ensaio da G2 Cia. de Dança - sala localizada dentro do Centro Cultural Teatro Guaíra e a Casa Hoffmann - Centro de Estudos do Movimento, localizada no Largo da Ordem, centro histórico de Curitiba.

Esse deslocamento oportunizou encontros e aproximações que ocorriam através dos corredores, com bailarinos do Balé Teatro Guaíra e principalmente bailarinos do G2, pois nossa aulas aconteciam na sala deles, na sequência de seus ensaios. Acompanhar a rotina dos funcionários do centro cultural (bilheteiros, camareiras, seguranças, porteiros, cozinheiras) no movimento das programações dos teatros foi instigante.

Apesar de nos encontrarmos em eventos da cidade, não era muito comum frequentarmos os ambientes uns dos outros (Bailarinos Guaíra e Grupo da FAP), esse tempo em que passamos lá foi importante para uma aproximação, mesmo que entre os corredores em conversas rápidas, pudemos acompanhar um pouco mais de perto a movimentação dessas estruturas.

A Casa Hoffmann - Centro de Estudos do Movimento é a sede da Coordenação de Dança da Fundação Cultural de Curitiba. Desde sua inauguração tem como objetivo principal fomentar a pesquisa em dança na cidade.

No período em que nossos encontros ocorriam na Casa, existia um movimento intenso de produção de pesquisa em dança no espaço, bolsistas e proponentes de projetos ocupavam as salas durante o dia, cursos eram ofertados para os artistas da cidade. Nesse cenário, apesar de ocuparmos o espaço na parte da noite, muitos de nós frequentamos a Casa em outros momentos, a articulação entre o que acontecia nesse espaço e o que o grupo se propunha a fazer era muito próxima conceitualmente. Foi um período de maior acesso que potencializou as conexões existentes.

SOBRE O GRUPO E O BATTON - ORGANIZAÇÃO DE DANÇA

Em 2009, um grupo de mulheres que participava assiduamente dos encontros no grupo, algumas já formadas (em dança ou teatro) e outras como eu, finalizando a graduação, a partir de conversas junto à nossa diretora, reconhecemos o desejo de abrir uma nova frente desvinculada da Universidade. Com o intuito de atuar profissionalmente como coletivo (a maioria de nós já desenvolvia trabalhos profissionais em outros grupos ou individualmente) a fim de ampliar nossa rede de afetos, criações e espaços e propor projetos para editais surge o BATTON - organização de dança.

Com o BATTON realizamos projetos através da Lei de Incentivo à Cultura, os principais foram: “*Processo in Dança*” onde ocupamos um teatro da cidade durante 7 dias com uma programação de cursos e palestras; “*Jardins*” onde partimos de práticas de permanência no Jardim Ambiental (praça extensa, localizada no bairro juvevê em Curitiba), desenvolvemos e apresentamos o trabalho no então espaço da PIP (Cia. dirigida pela artista Carmen Jorge). A partir desse aproximação realizamos, viabilizado por um edital nacional no Ministério da Cultura, o projeto *PIP/BATTON*, uma residência com artistas da cia. e do coletivo durante 1 ano, com uma série de oficinas com artistas nacionais e locais, tivemos como produto final uma Mostra de Solos. O importante nessas pontuações é reconhecer o quanto a motivação em estabelecer diálogos dentro do grupo nos proporcionou desdobramentos fundamentais para nossa trajetória.

Me desliguei do BATTON um pouco depois de finalizar a residência, antes disso já havia me desligado do grupo. A produção cultural tomava conta da minha rotina, quando me dei conta já havia direcionado minha escolha para essa profissão.

Passei então a acompanhar de longe/perto as ações do UM, dos artistas, mestras e amigos com quem estabeleci trocas durante esse longo tempo. Também conheci novos artistas que passaram por ali depois da minha saída.

Atualmente sou produtora cultural da Casa Hoffmann, um dos espaços por onde o grupo percorreu. Mensalmente recebemos o evento “Improviso Dança e Música”, ação que vi nascer dentro do grupo, hoje posso acompanhar e participar de outro modo. Minha

ligação com a professora Rosemeri Rocha permanece bastante presente, especialmente nos últimos meses, quando depois de anos, retomo às suas aulas, propostas semanalmente na “Casa Quatro Ventos”, novo espaço cultural da cidade gerenciada por amigos em comum.

Figura 7 - Registro fotográfico de Rosemeri Rocha – Aula O CORPO PROPOSITOR: PROCESSOS INVESTIGATIVOS E PERCEPTIVOS com Rosemeri Rocha na Casa Quatro Ventos Curitiba/2018



Fonte: (arquivo da autora)

Esse mergulho munido de afetos fortalece meu entendimento sobre ‘do que são feitos nossos trajetos’, sobre como as escolhas e fluxos em nosso percurso refletem exponencialmente a cada caminhada e por fim, sobre a dinâmica na construção de redes onde a Unespar e o UM - Núcleo de Pesquisa e Investigação em Dança se inserem, impulsionando fortemente os que passam por lá.